

Dia da Mulher terá manifestações

P5

ATIVISMO

No dia delas, manifestações

Paralisações contra a violência que vitima as mulheres foram convocadas; Campinas será palco de ato

GUILHERME MAZEIRO
REGIÃO

No Dia Internacional das Mulheres, hoje, nem tudo será celebração. Frentes feministas convocaram paralisações em protesto contra a violência que vitima as mulheres. O ato dos coletivos da região está marcado para as 16h, em frente à Catedral Metropolitana de Campinas, no Centro. Na cidade, uma chacina que vitimou 13 pessoas, no começo do ano, trouxe mais uma vez o tema aos holofotes. O crime foi considerado por coletivos de discussão sobre gênero como feminicídio – dissipação de ódio contra as mulheres.

O caso de Campinas ganhou repercussão nacional após o técnico Sidnei Ramis de Araújo invadir uma casa, disparar contra 12 pessoas e cometer suicídio. Entre as vítimas fatais estão a ex-mulher e o filho. Em um diário, ele detalhou que não concordava com o regime de guarda do filho, que ele podia ver em horários determinados.

“É a paralisação geral das mulheres. É articulado com o movimento nacional e internacional. É a primeira vez na história recente que terá uma paralisação geral das mulheres. Amanhã (hoje) será um dia em que muitas mulheres paralisarão suas atividades, tanto no trabalho quanto atividades domésticas. O mote é o ‘nenhuma a menos’”,

Saiba mais

Segundo dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), divulgados anteontem, as mulheres trabalham em média 7,5 horas a mais por semana do que os homens. O mesmo estudo apontou que, em 2015, 40% das famílias eram lideradas por mulheres. O número era de 23% em 1995. O estudo Retrato da Desigualdade foi feito com base em informações da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

explicou a integrante do movimento Rosa Lilás, Carol Figueiredo Filho.

“Nacionalmente, existem dois debates centrais: sobre a reforma da previdência, que sobrecarrega mulheres que fazem dupla jornada, e a violência. A pauta da violência é muito grande, mas em Campinas o feminicídio mostrou a proporção que a violência pode tomar, como o ódio pela ex-mulher”, considerou uma das coordenadoras do movimento Rosas de Março, Denise Simeão.

Segundo dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, entre dezembro e janeiro foram registradas 9.166 queixas de agressões em delegacias. Os homicídios somaram 18 casos nesse período, sendo 11 no interior.

‘ATRASO’

Professora do Departamento de Sociologia da **Unicamp** (Uni-

versidade Estadual de Campinas), Maria Lygia Quartim de Moraes entende que as mulheres são sobrecarregadas. “Do meu ponto de vista, o fato das mulheres serem as quase que exclusivas responsáveis pelos trabalhos domésticos e cuidados da família reflete o atraso de nossa sociedade, o peso do conservadorismo das igrejas e de boa parte da população masculina”, considerou.

Sobre a luta feminista em coletivos dentro da **Unicamp**, a



CHACINA | Sidnei, autor de chacina, e o filho, que ele matou

professora disse que o local é democrático e voltado para produção do conhecimento e pesquisas. “Temos um núcleo de estudos de gênero, um doutorado e inúmeras pesquisadoras que tratam das diversas dimen-

sões da questão de gênero. A universidade funciona na base de concursos públicos e de meritocracia e suas políticas de inclusão adotam o correto critério social e não étnico ou sexual”, contrabalanceou.

Arquivo TODODIA Imagem